



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**

MOABE ARAUJO PAIVA

CORPO BIXA:

masculinidades femininas, resistências em Imperatriz-MA.

**IMPERATRIZ
2021**

MOABE ARAUJO PAIVA

CORPO BIXA:

masculinidades femininas, resistências em Imperatriz-MA.

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão/UFMA, como exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Vanda Maria Leite Pantoja

IMPERATRIZ
2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Paiva, Moabe Araujo.

Corpo bixa : masculinidades femininas, resistências em Imperatriz-MA / Moabe Araujo Paiva. - 2021.

27 p.

Orientador(a): Vanda Maria Leite Pantoja.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2021.

1. Heteronormatividade. 2. Masculinidades Femininas.
3. Performatividade. 4. Resistência. I. Pantoja, Vanda Maria Leite. II. Título.

MOABE ARAUJO PAIVA

CORPO BIXA:

masculinidades femininas, resistências em Imperatriz-MA.

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão/UFMA, como exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Vanda Maria Leite Pantoja

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora

Dra. Vanda Maria Leite Pantoja
(Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão

Dr. Witembergue Gomes Zaparoli
(1º Examinador)

Universidade Federal do Maranhão

Dr. Edson Ferreira Da Costa
(2º Examinador)

Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente as mulheres inspiradoras que fazem parte da minha história, minha mãe M^a Jane de Araújo Paiva, que doa 24h do seu tempo para me apoiar, sempre do meu lado, que luta para me oferecer o melhor, uma grande professora que ensina que o amor e a resiliência são as melhores armas contra as batalhas do cotidiano. Não poderia deixar de falar minha mãezinha, M^a da Conceição Santos de Araújo, que sempre me ajudou desde a infância, que em todos os momentos de necessidade estava presente para ajudar, que me dá conselhos e puxões de orelha, sempre atenciosa e de coração imenso, nos momentos tristes seus abraços sempre estiveram presentes, sempre me acolhe e mostra diariamente a importância de ter fé em dias melhores.

Meu pai, Osmar Cariolando Paiva que sempre foi um homem que me possibilitou experimentar e buscar oportunidades que não teve, sua história de vida, sempre foi difícil, mas nem por isso negou a melhor educação, comida e conforto, estar comigo desde sempre e sua forma de demonstrar amor é única, sempre foi um homem de poucas palavras, mas manifesta nas suas atitudes seu desejo de sempre fazer a diferença.

Meu irmão, Jonas Araujo Paiva que de maneiras diretas e indiretamente me impulsiona a ser sempre uma versão melhor de mim mesmo, que incentiva a buscar o equilíbrio entre a razão e a emoção, que traz palavras de sagacidade.

Quero agradecer a pessoa que mais esteve comigo em sala de aula, bibliotecas, corredores, lanchonetes, campos de pesquisa, viagens acadêmicas, meu melhor amigo e companheiro João Gabriel Soares de Araújo, que me apoia e sempre me deu a mão nos momentos difíceis, seu sorriso me encanta e inspira a buscar sempre o melhor das coisas, o ser humano lindo que fala o que deve ser dito nos momentos necessários, meu grande amor.

Agradecer também a todos que fizeram parte desta caminhada acadêmica na Universidade Federal do Maranhão, desde meus colegas de caminhada dentro e fora do curso, todos os colaboradores da instituição, incluindo os professores que possibilitaram compreender a importância da docência, ética profissional e humanidade.

Não posso deixar de agradecer de forma especial minha orientadora, Profa. Dra. Vanda Maria Leite Pantoja por sua dedicação, paciência, resiliência no processo de produção deste artigo, mulher que me impulsiona à buscar sonhos cada vez mais altos, sua energia em sala de aula me ajudou em muitos momentos durante a graduação.

CORPO BIXA: masculinidades femininas, resistências em Imperatriz-MA.

CUERPO BIXA: masculinidades femeninas, resistencias em Imperatriz-MA.

BIXA BODY: female masculinities, resistances in Imperatriz-MA.

Moabe Araujo Paiva¹

Vanda Maria Leite Pantoja²

RESUMO

Neste artigo nosso objetivo é entender as performances masculinas afeminadas como meios reflexivos acerca da conduta dos papéis de gênero, tendo a heteronormatividade como parâmetro repressivo dos corpos dissidentes. Em segundo lugar, buscamos identificar quais os mecanismos de resistência identitária desempenhada por esses homens afeminados que representam uma ruptura comportamental exercida socialmente. O texto baseia-se em teóricos como David Le Breton (2016, 2019)³ e Judith Butler (2011, 2018a, 2018b) que desenvolvem reflexões sobre corporeidade na contemporaneidade, processos estes, que o espaço-tempo produz novas formas de pensar o corpo, gênero e sexualidade. Por meio de um mapeamento etnográfico com homens afeminados na cidade de Imperatriz/MA, verifico como as construções representativas de resistência são desenvolvidas por meus interlocutores. O resultado aponta para o desenvolvimento de métodos e/ou saberes que se diversificam com a realidade dos mesmos, e que seus corpos políticos não necessitam obrigatoriamente de embates mediados pela violência física e/ou verbal para serem exercidos seus direitos de existir.

Palavras chave: Resistência, Masculinidades Femininas, Heteronormatividade, Performatividade.

ABSTRACTO

En este artículo, nuestro objetivo es entender las performances masculinas afeminadas como medio reflexivo sobre la conducción de los roles de género, teniendo la heteronormatividad como parámetro represivo de los cuerpos disidentes. En segundo lugar, buscamos identificar qué mecanismos de resistencia identitaria interpretados por estos hombres afeminados representan una ruptura conductual ejercida socialmente. El texto se basa en teóricos como

¹ Moabe Araujo Paiva. Graduando Licenciatura em Ciências Humanas (UFMA). moabapaiva@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-2121-1072>.

² Vanda Maria Leite Pantoja. Professora Associada, Universidade Federal do Maranhão. vanda.pantoja@ufma.br. <http://lattes.cnpq.br/0726443231355944>

³ Normas para referências bibliográficas utilizada neste artigo é da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

David Le Breton (2016, 2019) y Judith Butler (2011, 2018a, 2018b) quienes desarrollan reflexiones sobre la corporeidad en la contemporaneidad, procesos que el espacio-tiempo produce nuevas formas de pensar sobre el cuerpo, el género y sexualidad. A través de un mapeo etnográfico con hombres afeminados en la ciudad de Imperatriz / MA, verifico cómo las construcciones representativas de resistencia son desarrolladas por mis interlocutores. El resultado apunta al desarrollo de métodos y / o conocimientos diversificados con su realidad, y que sus cuerpos políticos no necesariamente necesitan enfrentamientos mediados por violencia física y / o verbal para ejercer su derecho a existir.

Palabras clave: Resistencia, Masculinidades Femeninas, Heteronormatividad. Performatividad.

ABSTRACT

In this article, our objective is to understand effeminate male performances as reflective means about the conduct of gender roles, having heteronormativity as a repressive parameter of dissident bodies. Second, we sought to identify which mechanisms of identity resistance played by these effeminate men that represent a socially exercised behavioral rupture. The text is based on theorists such as David Le Breton (2016, 2019) and Judith Butler (2011, 2018a, 2018b) who develop reflections on corporeality in contemporaneity, processes that space-time produces new ways of thinking about the body, gender and sexuality. Through an ethnographic mapping with effeminate men in the city of Imperatriz/MA, I verify how the representative constructions of resistance are developed by my interlocutors. The result points to the development of methods and/or knowledge that are diversified with their reality, and that their political bodies do not necessarily need clashes mediated by physical and/or verbal violence to exercise their rights to exist.

Keywords: Resistance, Female Masculinities, Heteronormativity. Performativity.

INTRODUÇÃO

Aquele menino é boiola⁴, era assim, que as pessoas se dirigiam a mim na minha infância. Eu era uma criança viada ⁵ que gostava de brincar com as meninas (primas), pulava corda, brincava de casinha, gostava de ler e não me sentia bem ao lado dos meninos que brincavam com bola, e não poupavam esforços para me estigmatizar e transformar minha existência em um lugar de

⁴ Palavra utilizada pra se referir a gay ou homem afeminado de forma pejorativa e/ou marginalizante, compartilham o mesmo sentido os termos viado, viadinho (quando criança), bendito ao fruto, bixa, thóla e afeminada.

⁵ Criança viada é um termo muito utilizado para designar meninos que são reproduzem e/ou reflete uma masculinidade viril correspondente para sua idade, o mesmo sofrerá exclusão nos espaços de socialização, na escola, meio familiar e etc., (NONATO, 2020).

maldade que nem mesmos eu conseguia entender; na escola era o viadinho, na igreja o menino que só tinha amigas e que os pais não deixavam os meninos chegarem perto (ninguém quer manchar a imagem estando do meu lado, uma bixinha). Tudo isso que acontecera infelizmente não é exclusivo à minha história de vida, muitas pessoas, como eu, compartilham de uma infância marcada por situações de violência e uma vida adulta repleta de policiamentos e punições contra a própria existência. Esse sofrimento é comum na vida de homens afeminados (NONATO, 2020).

Homens afeminados são constantemente violentados, nossos corpos são colocados em zonas de fracasso existencial, desprezo, abjetificação e a famigerada personificação do mal e/ou pecado (HALBERSTAM, 2020). Mas, antes mesmo de chegarmos a essas considerações que parecem tão distópico para aqueles que usufruem de privilégios hegemônicos patriarcais, é necessário ressaltar que, as feminilidades presentes nos corpos masculinos são marginalizadas por performarem características ditas femininas (NONATO, 2020), sendo assim, na própria construção e hierarquização dos gêneros, o feminino está como símbolo de inferioridade e/ou subalternidade em relação ao gênero oposto, o masculino.

Ao andar nas ruas, buscamos identificar constantemente características que aproximem as pessoas das nossas convenções e sentidos binários, reproduzindo assim, as significações e códigos sociais que somos expostos desde antes mesmo de nascermos, categorizamos as pessoas em grupos e damos a elas pré-noções sobre sua identidade. Quando é visto um “corpo masculino”, espera-se que o mesmo performatize uma masculinidade viril que siga os padrões estabelecidos e presentes nos processos de socialização, da mesma forma a mulher, a feminilidade deve ser sua obrigação.

Quando o homem tem em sua masculinidade performance do feminino, socialmente este corpo não carregará legitimidade sobre suas vontades, desejos e subjetividades, pois, este sofre uma metamorfose, de corpo com potencialidades para um corpo objeto. Corpos de homens afeminados são publicizados, todos agora se sentem no direito de olharem, palpitem, escarnam o modo de viver a

diversidade performática, isso se deve ao fato de corpos bixas não se encontrarem no discurso binário masculino e feminino.

A própria concepção que naturaliza sexo-gênero é inválida e já ultrapassada (BUTLER, 2011), devido homens afeminados, serem simbolicamente um dos exemplos da saída do sistema pênis=m masculinidade, e mulheres masculinas saírem do paradigma vagina=feminilidade. Segundo Butler (2018b) pesquisadore não-binare é referência sobre estudos queer e de gênero no mundo, afirma que hoje não falamos em masculinidade, mas de muitas masculinidades e feminilidades.

Dito isso, nessa pesquisa refletimos acerca de homens afeminados, por não desempenharem uma conduta conforme os padrões estabelecidos pelos modelos patriarcais hegemônicos heterossexuais e branco de masculinidade, irão sofrer estranhamentos, sanções e marginalizações (LOURO, 2018a). Seus corpos, segundo o padrão heteronormativo, são símbolos do fracasso nos discursos homogeneizadores (HALBERSTAM, 2020), sendo assim, não à nulidade da existência de vivências de homens afeminados e que são possíveis de serem vividos, para o olhar dissidente, são potencialidades de transgressão das fronteiras impostas e ressignificando os mesmos (LOURO, 2018b).

Contudo, esses homens afeminados desenvolvem mecanismos de resistências que ressignificam seu lugar no mundo, possibilitando novos modos de vivencias alternativas, sendo exposto ao longo do artigo. Identificar os processos de resistência são fundamentais para compreensão desses e de outros grupos estigmatizados, sendo assim, a performance afeminada não seria vista como única fora da norma, pois, movimentos de mulheres masculinas e/ou pessoas não-binárias também estariam dentro de um construto de gênero dissidente, que configuram identidades que lutam para se manterem vivas diante das ferramentas e/ou processos de homogeneização.

Esta pesquisa se desenvolveu no contexto social e geográfico de uma cidade média nordestina, mas, não significa que os paradigmas marginalizadores dos grandes centros populacionais se distanciam das vivencias da cidade de Imperatriz/MA. Por ser uma cidade que reproduz costumes do rural no urbano e

por concentrar muitos centros religiosos, principalmente católicos e protestantes, as realidades de homens afeminados manifestam modelos representacionais de resistência escancarado⁶, devido a constante violência publicizada⁷ sofrida.

Me utilizo da narrativa de vida de cinco homens que se reconhecem como afeminados, todos residentes na mesma localidade (Imperatriz/MA), afim, de possibilitar a compreensão da realidade social vivenciada e compartilhada pelos mesmos. Entre esses homens afeminados, a maior parte são universitários, a faixa etária dos mesmos variam, pois busco dinamizar a compreensão utilizando fator geracional, esses homens tem idades entre 18 anos a 35 anos, todos são homossexuais, maioria são homens afeminados negros e estão espalhados em bairros distintos um dos outros.

Reflito como suas performatividades são visualizadas e encarnadas por eles no cotidiano, como enxergam na sua subjetividade meios de resistir e formas de externaliza dentro dos espaços privados e públicos da cidade suas diversidades performáticas. A pesquisa foi realizada no período de agosto de 2019 a outubro de 2020 o, sendo que passou por várias mudanças nas etapas de emersão no campo, devido ao Covid-19. A feminilidade nos “corpos desses homens” fala sobre sua sexualidade, sendo estes, marcado pelo atravessamento de variadas violências físicas e simbólicas e, simultaneamente, (re)elaboram métodos resistências (LUGONES, 2014)._

O artigo está dividido em duas partes. Para um primeiro momento, discorreremos sobre a construção dos papéis sociais de gênero e como este se torna mecanismo de ordenação, ao serem seguidos pelas pessoas desde o seu nascimento, tendo, sexo-gênero como aliados na normatização hierárquica social, analisado por Butler (2011, 2018b), Lugones (2018) e Breton (2019).

Através de Silva (2007), Bourdieu (2011) e Muszkat (2018) reflito, sobre a idealização da virilidade masculina como ordenamento cânone, fazendo com que

⁶ Pessoa considerada devassa, que fala o que a boca vem, desbocado, pessoa que age como convém de modo a não se importar com opiniões alheias.

⁷ A população impõe discurso de imoralidade e vergonha para corpos de homens afeminados, sendo assim, os mesmo como modo de resistir, assumem uma performance de pertencimento debochada e mais afeminada, calando a boca do agressor através de discursões em espaço público (rua).

corpos que nasçam com pênis, naturalizem esse modelo de implantação. Por meio das observações de Prado e Machado (2012), Miskolci (2017), e Butler (2018b) será apontado a construção dos estereótipos (construídos socialmente, com base nas características regionais que está sendo desenvolvido a pesquisa) do homem afeminado dentro dos espaços públicos, se posicionando como corpos que têm direitos a aparecer. Os termos bixa e afeminada são utilizados para compreender os processos que a linguagem desenvolvem, como ressignificações a partir do espaço-tempo analisados por Prado e Machado (2012) e Vidarte (2019).

No segundo momento, momento discutiremos de forma sucinta a condição do homem afeminado inserido socialmente nos espaços de visibilidade social, mediante pesquisas desenvolvidas por Sáez e Carrascosa (2016) e Caetano e Junior (2018). Com base nos teóricos Green e Quinalha (2014), Butler (2018a), Vidarte (2019), Breton (2016, 2019) analisamos a formação de uma consciência de direitos e resistência afeminada, sendo que os mesmos (homens afeminados) são condicionados socialmente identificar-se como grupo sem direitos de existir e minoria. Iremos utilizar também os depoimentos que foram produzidos durante a pesquisa de campo por meio das entrevistas, para compreender a realidade que homens afeminados em seu cotidiano desenvolvem suas representações e performatividades.

GÊNERO: DISCURSO DE ORDENAMENTO DO CORPO

Para chegar aos objetivos desta pesquisa foi necessário passar pelo entendimento sobre a construção de corpos, suas especificidades e como atribuímos significados aos mesmos. Mas, o que é o corpo? É um questionamento que geralmente não faz parte do nosso cotidiano, se buscarmos em nossas memórias, é quase impossível lembramos de momento reflexivos, que questionam a construção do corpo e os impactos que recebem ao adquirirem símbolos pré-estabelecidos (BRETON, 2019). Está sendo debatido não somente a discurso sobre a materialidade da carne, mais sobretudo as dimensões simbólicas que implantamos ao corpo.

A carne se faz corpo a partir do momento em que damos sentido a sua existência (BRETON, 2018), os significados que são atribuídos a ela inscrevem no seu corpo toda uma normativa contratual, na qual o sujeito não é ciente e/ou contactado, marcando e fixando modelos de subjetividades já prontas (LOURO, 2018a). Sendo assim, o corpo para ser legitimado precisa estar de acordo com as normativas que são delegadas, logo, para vivenciar as experiências sociais através das sociabilidades deve reproduzir a conduta esperada e internalizá-la como verdade genuína.

Para as ciências biomédicas o corpo se torna um grande e complexo conjunto de órgãos e tecidos, comportando igualmente engrenagens interdependentes, interligados para dinamizar as execuções de suas funções, “sede de processos vitais, marcados pela anatomia, fisiologia” (MOTA e MACHIN, 2018, p.416).

Pensar uma natureza para o corpo é legitimar várias mazelas sobre o próprio sentido de humanidade. Segundo Breton (2018) sempre buscamos compreender a realidade em nossa volta e não poderia ser diferente ao tentar interpretar as complexidades que o corpo possa revelar, sendo assim, as ciências da natureza juntamente como ciências da saúde tomaram uma postura de “descodificar” em combinações os movimentos dos órgãos, classificação químicas que sistematizam técnicas de leitura sobre o corpo, promovendo regras e canonizando os sentidos.

Back (2020) nos aponta que compreender os corpos através de discurso técnicos e práticos, que naturalizam um modo único de ser e/ou existir nos coloca em posição binária entre normal e anormal, sendo assim, exclui todas as formas de potencialidades subjetivas que possamos ter, e homogeneizar corpos é uma violência perversa que produz desigualdades sociais, os corpos passam por uma verdadeira “guerra social” (Idem, p.25).

Os posicionamentos canônicos da biomedicina sobre o corpo não conseguem abarcar todas as dimensões que os corpos possam ocupar, logo, as ciências que produzem sistemazões não só tem como objetivo uma contribuição

para as descobertas de possíveis patologias e suas curas, mas sobretudo definir as regulações dos corpos saudáveis e legítimos.

Me utilizo de pesquisas desenvolvidas pelas ciências humanas, antropológicas, sociológicas e filosóficas, que favoreçam as reflexões sobre atitudes, intervenções, atuações, condutas, atividades, práticas e etc., tendo o corpo como ponto inicial e também resultado dos construtos humano e social.

É fundamental ressaltar que a sociologia sempre utilizou as ações do corpo como meio de compreender a sociedade, “mas o próprio referente “corpo” é pouco questionado” (BRETON, 2019 p.24), segundo o autor já supracitado, o corpo é compreendido em sua grande maioria como um exótico, desvinculando o “homem que o incarna” (Idem, p. 24), sendo assim, a dualidade/ambiguidade se faz presente como atribuidor, que desvincula os sentidos de se fazer corpo. Devemos atentar-nos que o corpo não é natural, pois a própria compreensão que lhe categoriza é desenvolvida socialmente através de códigos (BUTLER, 2018b).

Antes de desenvolver o sentido de corpo social ⁸, é indispensável entendermos que a “carne” é a própria pessoa, visto que, os mesmos não se distinguem ou se separam, pois, a carne carrega consigo sentidos de uma universalização, descartando o corpo que promove os discursos biomédicos. Contudo, Breton (2019) afirma que devemos compreender o corpo como socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna (Idem, 2019, p.26).

Então podemos visualizar que o corpo social vai ser a representação da pessoa, nos revelando suas relações com o meio inserido; sociabilidades com os outros, sua aproximação com a natureza e urbano, suas identificações linguísticas e etc. Logo, Breton (2019) e Butler (2018) afirmam que neste sentido fica evidente que os discursos da naturalização de percepções do mundo não partem de uma “essência”, mas de uma construção.

⁸ Quando me refiro a corpo social, estou utilizando os sentidos “representação social”, sendo assim, proponho pensar o corpo como meios de sociabilizar mecanismos representativos de sua cultura ou meio que está inserido, a partir desses pressupostos, quero enfatizar que as identidades fazem parte construtos individuais e coletivos (BRETON, 2018).

A pesquisadora Louro (2018a) nos afirma que nossos corpos abraçam o mundo, neste momento somos expostos a embates de significações que revelam organizações que marginalizam e hierarquizam constantemente os corpos, marcando e fixando códigos classificatórios. Breton (2018) também destaca que esses recortes que determinam e qualificam os corpos desenvolvem sobretudo sentidos de valor, posto isso, as marcas da diferença que o corpo carrega são questionadas do mesmo(eu) diante do outro(pessoas).

Para Nonato (2020) fazemos e refazemos possibilidades de existências, e como uma rede influenciados todos a nossa volta, o resultado disso são possíveis probabilidades que não foram escritas. Portanto, esses é um dos principais motivos de existir constantemente uma formalização de conhecimentos regulamentadores que diariamente são repetidos, a fim de fixar de forma coletiva homogeneizações e barreiras contra uma saída das normas discursivas sobre os corpos.

Porque os corpos se tornam o principal alvo dos reguladores discursivos de gênero? A construção do gênero é desenvolvida como mecanismo de ordenação? como esses métodos de hierarquização social influenciam como estratificações? Todos esses questionamentos e outros estão em volta dos pesquisadores e pesquisadoras dos estudos sobre corpo, gênero e sexualidade, e a conexão entre estes três campos deve sempre ser enfatizada. Se distanciar dessa perspectiva de elo é colaborar para análises que tecem fragilidades na investigação.

Para Muszkat (2018) não existe nenhum destino biológico que definem a forma de um homem e uma mulher. Logo a autora já supracitada revela que a cultura tem papel fundamental para construção de argumentos que definiram um conjunto de disciplinas para os corpos e juntamente com os marcadores da diferença designar características físicas e psíquicas sobre o que é masculino e feminino.

Butler (2018) aponta que nossa compreensão sobre os demarcadores corporais pênis e vagina são utilizados para legitimar a construção do gêneros masculino e feminino, e os mesmos precisam ser analisados, logo podem ser construtos semelhantes; a autora já supracitada relata que a naturalização

imaginária do sexo pela natureza estabelece corpos fixos e estabelecidos, refletindo no gênero como sistema meramente pelo sexo, sendo assim, o gênero desempenha funções culturais que possibilita aparatos específicos e também na produção do sentido do sexo. Butler (2018) reforça sua crítica quando nos mostra que

[...]se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero se revela absolutamente nula (BUTLER, 2018 p.27)

O sexo e gênero são construídos socialmente, contudo devemos observar suas construções de sentido, pois, o discurso biologizante busca definir incessantemente o sexo numa lógica dogmática de verdade que distancia discursões que questionam o próprio sentido de sexo. Logo, no meio social os órgãos genitais são transcendidos e devidamente hierarquizados, o pênis figura masculinizada ocupa o topo da pirâmide, a vagina figura feminilizada ocupa o lugar de subalternidade, a base da pirâmide. E as aberrações⁹ somente devem ocupar o não lugar.

Tchalian (2018) e Muszkat (2018), nos mostram um bom exemplo de como podemos observar na prática tudo que foi exposto; o chá de revelação do sexo do bebê, para o olhar do senso comum não passaria de uma festa que comemora a vinda da criança, contudo, a principal função é a ritualização de implementação de estereótipos binários sobre o corpo, a comemoração não é a saúde do bebê, mas a revelação do sexo com o encadeamento do gênero. “É menino ou menina?” o questionamento que não quer calar! Se refletimos, nós já reproduzimos em algum momento essa pergunta, intencionalmente ou não, pois, ela faz parte de um discurso hegemônico de poder, saber o gênero é como vigiamos, especulamos e prospectamos a conduta do outro.

Quando pênis=menino a masculinidade lhe atribui características como “racionalidade, lógica, força, atração, coragem e etc.” Em seu corpo deve carregar

⁹ De acordo com Back (2020), aberrações serão todos os corpos que não se encaixam nos sistemas hegemônicos que definem um padrão a ser seguido. Pessoas LGBTQIAP+, pessoas insurgentes são exemplos de contra-sistema, logo são atribuídos a elas o estigma de aberrações, anormais, anomalia, erros, fracassos.

marcas de reafirmação de gênero; roupas de menino, cheirinhos de menino e decoração no quarto de menino são exemplos disso, delimitações que fazem parte da manutenção do gênero masculino. Se nascer vagina=menina, a feminilidade será sua obrigação, meninas “devem” ser amorosa, educada, bonita, vulnerável, acolhedora, apaziguadora e etc. A maternidade logo será sua principal e futura função, “toda mulher sonha em ser mãe.” Chamamos essas normas pré-estabelecidas de papéis de gênero.

Segundo Louro (2018b), quando fala sobre a educação dos corpos, aponta que o problema do gênero é o poder que carrega com ele, pois, os mesmos delegam quem vive, como vivem e que não deve viver. Logo, pessoas que fogem e/ou não se reconhecem dentro da regra que os papéis de gênero impõem são excluídas, marginalizadas e submetidas a uma coerção física e mental constante.

Chegamos em um momento que deve ser demarcado como fundante para a compreensão desta pesquisa, os embates de controle. Compreender corpos “de homens” que sejam dissidentes e/ou insurgentes é visualizar verdadeiros jogos de poder no qual segundo Tchalian (2018), os discursos que estão em volta da categoria masculino devem sempre está nas práticas sociais, o sexo, o desejo e o prazer serão mecanismos de regulação e controle. A saída dessa esfera paradigmática para os homens é marcada com retaliações e punições, pois esses corpos não reproduzem marcas de poder, “a partir dos padrões e referências, das normas, valores ideais da cultura” (LOURO, 2018a p.69).

Aqui, Tchalian busca refletir sobre vivências de homens que não fazem parte de uma masculinidade estereotipada, guiada pelas virilidades, violências, sexismos e heteronormatividade. A prática da “normalidade” padronizada precisa ser ensaiada e praticada diariamente, pois, o aperfeiçoamento do papel e/ou persona de homem deve refletir a masculinidade hegemônica, sendo este, elemento principal da encenação do discurso. Logo, o prazer não será algo pleno que possibilite a descontinuação homogeneizadora dos homens, pelo contrário, oferece um fortalecimento opressivo e de violência autoinfligida¹⁰.

¹⁰ Quando me refiro a violência autoinfligida proponho refletir sobre os dados que Brasil (2019) demonstra no Boletim Epidemiológico sobre Perfil epidemiológico dos casos notificados de violência autoprovocada e óbitos por suicídio entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil, 2011 a 2018.

Diante do exposto, veremos que em nossa sociedade existem simultaneamente corpos legitimados por um sistema coercitivo e normativo e os não corpos, sendo estas pessoas objetificadas e abjetificadas, grupos deslegitimados, no qual ocupam espaços de não lugar, logo, “na abjeção, o *status* do outro é o ‘não pode existir’, o corpo abjeto¹¹ é aquele que não pode existir dentro da matriz cultural” (RODRIGUE, 2018 p.31).

MASCULINIDADES FEMININAS: SUBVERSÃO E NULIDADE DA REGRA

Ser homem e performar feminilidades é algo que gera punições certamente (NONATO, 2020), pois, os modos de conduta são ativados pela aceitação mediada pela virilidade que distribui e comanda o sentido de “ser homem” e como deve fazer para manter-se como centro de poder, homens afeminados não buscam ser femininos ou escolhem ser femininos, a performatividade está para além da regra dos papéis de gênero, corpos bixas vivem todos os seus desejos e subjetividades na sua potencialidade. Para Halberstam (2020), a feminilidade se torna um traço de seu aval de potencialidades, e para homens afeminados suas vidas estão dentro de um jogo de poderes que exigem seu posicionamento.

Não podemos negar que o corpo é político e muitas pesquisadoras/es como Butler (2018); Louro (2018); Duque (2019); Breton (2019) e outras/os desenvolveram metodologias, análises e bibliografias que fortalecem ainda mais esta afirmação. Para Vidarte (2019); Nonato (2020) e Sedgwick (2007) homens afeminados e seus corpos políticos tecem dentro de várias interseccionalidades suas feminilidades, no qual suas marcas da diferença irão possibilitar aberturas e simultaneamente fechamento, logo, quem mediará esta negociação serão os próprios homens afeminados.

Muitos homens afeminados são gay, mas não significa regra e/ou lei, pensar que uma situação está vinculada a outra é repetir o mesmo erro que o sexo está para o gênero, há muitos homens heterossexuais afeminados, para muitos isso pode parecer equivocado, contudo, uma tática muito usada

¹¹ “A abjeção é mais profunda que o preconceito: para este, é preciso reconhecer a existência do diferente para, então, diminuí-lo e, assim, poder tratá-lo como menos merecedores de reconhecimento” (RODRIGUE, 2018 p.31).

infelizmente para sobreviver socialmente é a tentativa de camuflar-se e incorporar forçosamente um padrão viril de masculinidades.

As aberturas entre o mundo privado e o público, segundo Sedgwick (2007), passam por regulações, no espaço privado seria o lugar da liberdade onde as pessoas poderiam viver suas vontades, desejos e potencialidades, contudo, mesmo dentro de suas paredes domiciliares não poderiam incomodar quem mora ao lado, a privacidade logo se torna fronteira de contensão e ela seria o único lugar permitido para a “perversão, desordem, libertinagem”. Em resumo, os corpos dissidentes de homens afeminados entrariam nesse pacote de “anormalidades contidas”.

O espaço público para Vidarte (2019) e Sedgwick (2007), é um lugar pensado e desenhado, no qual nenhum “erro” faria parte, logo pessoas deveriam ser selecionadas para habitarem esses espaços. Quando falamos em vida pública devemos sempre colocar poderes hegemônicos como estigmatizadores e potências para as estratificações, sendo assim, os corpos permitidos para utilizarem e usufruírem desses espaços são de pessoas heterossexuais cisgeneras, brancas, ricas e cristãs judaicas.

O ESTRANHO NO “PARAÍSO”: POSSIBILIDADES DE (RE)EXISTIR

E o que leva homens afeminados a performarem dentro dos espaços públicos seus corpos masculinos e afeminados? Qual é o impacto que homens afeminados geram contra a “normalidade”? Como materializam os atos de resistência do homem afeminado em sua performance diante da marginalização dos seus corpos masculinizados? Através dos interlocutores responder tais perguntas estão em volta de seus corpos, no qual anunciam em suas falas suas histórias de vidas e processos de resistências que desenvolveram para sobreviver diante da marginalização.

Durante a pesquisa de campo foi percebido que a quantidade de interlocutores não seria um problema, mas a centralidade da pesquisa está pautada em análises qualitativas. Sendo assim, optei por vivências de homens

afeminados mais diversificados (idade, raça/cor, classe, gênero e sexualidade)¹². O primeiro contato com essas pessoas colaboradoras teve início em julho de 2020 e o relato dessas histórias de vida finalizaram em agosto de 2021, sendo que todos são pessoas moradoras da mesma cidade, Imperatriz-Ma.

É evidente que suas vivências não se esgotaram nesse artigo, pois, são homens afeminados incríveis que desenvolvem diariamente quebras de estigmas sobre seus corpos, gêneros e sexualidades. Selecionei para as entrevistas pessoas que se visualizam como homens afeminados e que dispuseram a contribuir para a pesquisa, os nomes aqui utilizados para distinguir os interlocutores são fictícios. Nossa interação se deu tanto pelas redes sociais como de forma presencial. Tivemos interações em diferentes lugares públicos como shopping e cafés, também fui recebido por alguns em suas residências. Em situações em que não podemos fazer o contato presencial, fizemos uso de I por vídeo chamadas, aplicativos de mensagens. Essa metodologia facilitou a pesquisa, sobretudo em situação em que tínhamos que manter o isolamento físico. Os interlocutores foram Lukas (29 anos, negro, universitário), João (19 anos, negro, universitário e professor da rede pública), Lúcio (26 anos, branco, universitário e atua como esteticista), Carlos (18 anos, negro, estudante do ensino médio) e Ruan (35 anos, branco, universitário).

Vidarte (2019), Sedgwick (2007) e Duque (2019) nos revelam que a construção da masculinidade detém o poder dos estereótipos performativos, fazendo parte dos contratos sociais estipulados por discursos hegemônicos; binário e patriarcal. Essas noções políticas não fazem parte do repertório de reflexões compreendida pela maioria dos homens afeminados que em grande parte reproduzem mecanismos heteronormativos e centralizados na marginalização de seus corpos. Os mesmos compreendem que as potencialidades masculinas sempre partem um viés de embates, normalidade versus anormalidade, masculino versus feminino, não possibilitando a negociação ou o descarte de uma nomenclatura de identificação, como podemos ver a seguir

¹² Me utilizo dos mesmos métodos de análise que Duque (2019) desenvolveu para perceber a diversidade e separar seus interlocutores. Sendo assim, buscar nas histórias de vidas de homens afeminados as mais diferentes umas das outras.

nos relatos transcritos, quando foi perguntado o que seria um homem masculino para Lukas e João.

[...] cada um vai ter sua visão o que é ser um perfil masculino, mas ao meu ver, é uma pessoa que condiz com um padrão, ela foge daquilo que é rejeitado pela sociedade, quando eu falo isso eu falo das pessoas que são lgbs, que são afeminadas, então para mim o perfil de masculino é um cara barbado do tipo que não dá pinta, eu acredito que a questão de físico, porte físico pode interferir muito, ninguém vai se meter com uma cara machão e grandão (Lukas, 2021, informação verbal).

[...] forma de se comportar é bem diferente da gente, até o jeito que eles falam para ser de outro mundo, eles são homens bem másculo, bem viril com a voz grossa, nunca pensam em uma masculinidade de um homem com a voz fina, Nossa.... acredito que é isso, um homem bem grande, barbudo, rústico que fala mal de mulher, exhibe seu pau e pegador geral. (João, 2021, informação verbal).

O corpo do homem afeminado carrega consigo significados que não pertencem ao repositório heterocentros masculino e feminino, sendo assim, esse ser se encontra como discordante das regras de gênero, os mesmos se deparam em processos constantes de assimilação da realidade e injúrias sociais (TCHALIAN, 2018; LOURO, 2018; NONATO, 2020). O homem afeminado entende-se assim como criatura híbrida que reconhece seu corpo como potencialidade de ser diversos, logo não reage como é esperado pelas prescrições, sendo marcado como homem desajustado socialmente, suas mãos são independentes e expressam informações simultâneas a sua fala, seus olhos revelam perspicácia e rapidez para decifrar tudo ao seu redor, sua fala pode se distinguir do grave para o agudo. Sendo assim, encaminhando-se autonomamente para a construção de novos meios de sociabilidade entre os pares e ressignificando suas existências. Veremos nas falas de João e Lukas que a presença dos “trejeitos”¹³ é a materialização dessa hibridação, mas devemos compreender que não se trata de teatralização (GOFFMAN, 2018), pois os corpos andam em discordância à norma.

[...] meu lado feminino viria aflorar mais do que meu lado masculino, o que a gente entende hoje também como homens femininos, acredito que os meus trejeitos são bem femininos, a fisionomia às vezes ajuda

¹³ Trejeito é compreendido como comportamentos ou frações de comportamento contrário ao gênero, está relacionado a parte física, o jeito individual de se movimentar, de se portar. Vinculado ao discurso binário heterocisnormativo, logo, homens cis não podem estabelecer relação com o seu “oposto”, o feminino.

bastante, eu não tenho rosto digamos tão largo assim, o meu é um pouquinho mais fino de um rosto feminino, o jeito de andar também, minha voz (João, 2021, informação verbal).

Eu me considero um homem muito afeminado, sou cis, gay afeminado, e quando eu falo afeminado é bichona, quando tem todos aqueles trejeitos, modo de falar, usar as mãos, olhar adocicado, uma pessoa rápida e sensual, uma pessoa que dá pinta, dá close. Eu me considero um cara afeminado e fora do padrão (Lukas, 2021, informação verbal).

Muitos homens afeminados compartilham experiências aproximada durante a infância, como veremos a seguir nas falas de Carlos e João, muitos eram chamados popularmente como “crianças viadas”, meninos afeminados que se distinguem dos seus outros colegas de vizinhança, escola e etc., por não performarem uma masculinidade padronizada pra sua idade (OLIVEIRA, 2020), o reflexo da estigmatização desses meninos afeminado por outras crianças será um distanciamento, uma apatia, pois são excluídos constantemente, sendo influenciados de maneira direta e/ou indireta por uma proximidade maior com as meninas, pois em sua grande maioria não revelam descrédito sobre a performance afeminada. O brincar sempre vai ser o elo que irá dinamizar as vontades e expressões sobre o bem estar na infância, as brincadeiras estipuladas para meninos não significam um desinteresse pelos meninos afeminados, mas o destaque maior é a busca por conhecer e brincar com brinquedos que não reproduzam simbolicamente regras sobre seus corpos, bonecas e ursos são exemplos de brinquedos que não fazem parte do repertório normativo masculino, mas devemos nos atentar que não existe pré-requisitos fixo que definam e/ou categorizem uma criança como afeminada (HALBERSTAM, 2020).

Eu era uma criança afeminada com certeza, demais, quando eu era menor eu brincava demais, tenho uma prima que ela sempre tinha aquelas Barbie, aqueles ursinhos, eu achava isso muito interessante, eu sempre esperava o pessoal de casa sair para o serviço e eu ia lá brincar de boneca, eu brincava muito muito tempo, mas ao mesmo tempo eu não achava normal, quando completava aniversário eu sempre pedia para o meu tio me dar bonecos de presente para mim, pra pelo menos disfarçar, e não tinha como, eu queria brincar mesmo era de boneca (Carlos, 2021, informação verbal).

Eu sempre fui uma criança afeminada, chamada de criança viada, eu acho que quando a gente vê as performances de gênero sendo criança mesmo ainda não identificando, mas eu sempre gostei de andar com as meninas eu sempre achei aquele mundo bem mais interessante porque me sentia muita mais à vontade, elas não brigavam comigo, elas amavam me ter por perto, diferente dos meninos (João, 2021, informação verbal).

Quando questionados sobre ser identificado como afeminado por outras pessoas em variados espaços como lugares de lazer, círculo familiar, instituições educacionais e enquanto transitam nas ruas, percebemos que as falas demonstram autorreconhecimento que dignificam seus corpos e subjetividades, pois, mesmo desprendendo e sendo sabotados pela norma de gênero, desenvolvem dispositivos de resistência. Carlos (2021, informação verbal) deixa claro quando afirma que “uma coisa que eu tenho muito orgulho de ser afeminado, pois esse é o quem eu sou, a sociedade impõe tanta coisa sem saber o nosso lado, sem perguntar as nossas realidades, mas eu não me importo, esse sou eu e sou feliz assim”.

Hoje em dia sou muito feliz! Pode chamar de afeminado, de bixa, bixona, bichérrima, hoje é uma realidade totalmente diferente, eu tenho muito orgulho do meu corpo afeminado, da minha feminilidade aflorada, e às vezes eu me sinto mais bem com ele sendo afeminada, do que com ele masculino (João, 2021, informação verbal).

Mas não significa que esses homens afeminados não sofram com mecanismos punitivos que reforçam constantemente uma ilegalidade por serem quem são, como veremos adiante, Tchalian (2018 p.38) afirma que “ao mesmo tempo em que se situam nas linhas de confronto e violência, apresentam a capacidade de abalar as estruturas do sistema”. Essa potencialidade citada é perceptível, quando são criadas táticas de sobrevivência por esses homens, um exemplo muito compartilhado é a união entre os pares, favorecendo sentimentos de coletividade que legalizam suas vivências, aumentando a confiabilidade de frequentar espaços distintos, expandindo as redes de seguridade, pois confiam uns nos outros, caso sejam abordados com violência, e a construção de lugares de lazer específicos que compram suas demandas. Como podemos observar na fala de Lúcio e sua relação com outros homens afeminados.

É super tranquilo minha proximidade com outras bichas afeminadas, me sinto até melhor, a maioria dos meus amigos são afeminados, me identifico porque são outras pessoas que pensam da mesma forma que eu, me sinto seguro de estar com eles, se acontecer algo eu sei que não vou morrer, não sou uma bichona sozinha, ando em grupo, com eles vou pra todo lugar, ninguém se mete com a gente (Lúcio, 2021, informação verbal).

Quando questionados sobre relacionamento familiar encontramos variadas respostas, contudo, se aproximam devido todos estarem diante de relações de opressão sobre suas performances, sendo assim, “a dominação não se exerce a

partir da soma de certas condições, mas a partir de uma determinada forma de habitar o gênero, a classe, a raça, a idade, a nacionalidade etc., como relações sociais que se produzem” (VIGOYA, 2018 p.23). Logo, a família se torna uma instituição que constantemente vai policiar, selecionar o permitido e punir as inflações, devemos evidenciar que a repetição será maior aliado do sucateamento do corpo do homem afeminado, para muitos o sentido de família “ligados por sangue” perdera o sentido, resignificando em novos modos de sociabilizar com o outro, o grupo de amigos se tornam a real família, por compartilharem as mesmas dores, alegrias, e desejos de liberdade, mostrando que as especificidades se tornam ponto principal de aliança. É fundamental sinalizar que mesmo com o grande avanço de compreensão de família, ela ainda se encontra ainda ramificada em fundamentos heterocentros, dificultando a quebra dos paradigmas do homem viril e predestinado a paternidade, “trabalho dignificante”, a reprodução de cânones. Quando perguntado para os informantes como é a relação com suas famílias, os mesmos respondem que:

[...] ela é conservadora por conta "dos bons costumes", existe um padrão de família, já formado na cabeça das pessoas, do que é o correto, da forma que deve ser, isso é ensinado desde o início, de como a gente deve ser, de como a gente teve agir, então é muito enraizado isso na formação, das pessoas, e é uma taxa muito pouca de pessoas héteros que tem uma mentalidade aberta, para tentar ver o lado do próximo, de poder querer se adaptar ou entender o que a pessoa passa (Lúcio, 2021, informação verbal).

[...] a relação com minha família foi ruim um período, por que antes, teve a base da conversa de me explicar, como era que eu estava me sentindo, o que eu queria, mas eles não aceitavam, então tive que ser aquilo que eu era, para eles compreenderem quem eu sou realmente, teve briga, passei por muita raiva, e foi um processo de negociações constantes que não estava disposto a ceder (Carlos, 2021, informação verbal).

A cidade é um espaço em potencial para encontramos realidades diversas, vivências dentro e/ou fora de padronagens socialmente pré-estabelecidas, as individualidades são mais presentes, sendo assim, “ninguém duvida que os indivíduos formam a sociedade ou que toda sociedade é uma sociedade de indivíduos” (ELIAS, 1994 p.16), homens afeminados desenvolvem suas sociabilidades a partir dos sentidos que estão presentes no seu meio. Quando perguntados para os entrevistados Carlos, Lukas e João sobre como visualizam a cidade de Imperatriz, denunciam uma insegurança constante devido ao

conservadorismo religioso presente, para os mesmos esse conservadorismo vem de um cristianismo exacerbado que os mata e os demoniza diretamente, dificultando o acesso dos mesmos a alguns espaços públicos (SEDGWICK, 2007), os interlocutores compreendem, paralelamente, que o espaço privado não os cabe mais, e por conta disso, não voltariam para a clandestinidade, sentimento este alimentado pela banalização de seus corpos.

[...] não me sinto seguro em ser afeminado em Imperatriz, acho que todas já fomos vítimas de comentários desnecessários e preconceituosos na rua, de piadinhas, isso você vai ver todos os dias, mesmo a gente normalizando essas práticas pra sobreviver, mas sempre a gente encara dessa forma, influenciando diretamente nosso psicológico, mas as pessoas que podem realmente nos erguer é a nossa própria comunidade (Carlos, 2021, informação verbal).

Não me sinto nem um pouco seguro, eu digo por experiência própria, não foram duas ou três vezes, eu já perdi a conta de quantas vezes que saindo da universidade à noite e um grupo de héteros homofóbicos e racistas jogaram piada para cima de mim, a gente anda todo tempo na cidade, mas com aquele medo, tenho medo de ser mais um número naquelas estatísticas de bichas mortas, então eu sempre procuro andar junto com amigos ou alguém, porque eu não me sinto seguro de andar sozinho na cidade e eu sou uma pessoa muito medrosa (Lukas, 2021, informação verbal).

muitas vezes não me sinto seguro, depende o local que eu estiver, então, sair sozinho é muito complicado, e eu também sou muito medroso, então, eu acho que sair sozinho em Imperatriz, ali pelo centro da cidade, não é uma boa estratégia de sobrevivência, porque algumas áreas não tem tanto movimento assim, e me deixavam bastante inseguro (João, 2021, informação verbal).

Mesmo diante de tudo que foi apresentado a palavra orgulho sempre esteve presente em todos os momentos das entrevistas, o que pode parecer uma palavra comum para muitas pessoas, isso não se encontra de maneira plástica ou engessada para homens afeminados, pois, suas histórias de vida demonstram uma caminhada que exigiu muitos embates que construíram e desconstruíram suas relações com o mundo, o próprio impulso de resistência desempenha papel fundamental em suas subjetividades, que acelera constantemente suas percepções sobre seus corpos tecnológicos e mutáveis.

Tenho muito orgulho de quem sou, me reconheço, porque esse é meu jeito de ser e eu fico feliz com isso, eu me sinto de feliz como eu falo, de como me visto, e poder andar na rua do jeito que eu sou, porque é muito difícil uma pessoa ser presa com seus pensamentos durante anos, sem se entender, a gente acaba ficando presa sem saber quem a gente é de verdade, e hoje eu fico muito grato pela pessoa que eu sou, pela pessoa

que me tornei, e eu me sinto bem sendo o homem afeminado (Carlos, 2021, informação verbal).

Eu sinto muito orgulho de ser afeminado, me causa um conforto, e eu acredito que causo orgulho nos que vieram, e nos que viram, no meu corpo ser o que ele é hoje, de ser uma pessoa preta, de um homem preto afeminado, a sociedade vai me colocar como um homem preto viril com a masculinidade bastante rígida, aí eu quebro com isso, sendo uma bixa preta, eu sinto muito orgulho disso sabe, muitas lutaram também para que eu possa existir. Sou muito mais que um corpo, simbolizo luta e resistência (João, 2021, informação verbal).

Como acabamos de observar Carlos e João quando perguntados sobre o orgulho de serem homens afeminados, disparam em suas vozes uma força emotiva que denuncia métodos de sobrevivência, de luta imediata sem tempo para pensar em possibilidades passionais de viverem uma vida de luto, logo, reconhecem em suas potencialidades alicerces necessários para preservação da dignidade humana. Identificamos então, que homens afeminados dividem em seus corpos multiplicidades de símbolos, a marginalização social e simultaneamente a personificação legítima de realidades possíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa apresenta como homens afeminados desenvolvem seus métodos de resistência diante da marginalização de seus corpos, como a construção da masculinidade descarta e abjetifica vivências que não correspondem com o modelo estipulado pela virilidade masculina hegemônica. Através dos depoimentos aqui apresentados é perceptível o entrelaçamento dos códigos de gênero e suas ressignificações performáticas, que se distingue e estabelece novas maneiras de experiência com o mundo.

O corpo sempre será centro de embates de poderes que tentam assumir a manipulação dos significados, construindo mecanismos de gerenciamento de pessoas. Quando o corpo não corresponde com o regulamento sofre com toda uma rede de desmembramento da sua humanidade, o desprezo e violência social irão ser autorizados e normalizados, o corpo que recebe atributo de anormalidade agora “não pode existir dentro da matriz cultural” (RODRIGUES 2018 p.31).

Homens afeminado são símbolos, personificações da falha do gênero, tornando assim, representantes reais e legítimos, testemunhando que a norma não consegue abarcar todas as realidades individuais e coletivas, sinalizando que

as diretrizes normativas são regras imaginárias. Na contemporaneidade, as fronteiras e seus discursos são compreendidas como possíveis de serem ultrapassados, são negociáveis, e suas ressignificação é presente, pois, esses homens afeminados influenciam constantemente impulsionamentos que produzem aperfeiçoamento e/ou novos saberes que não necessariamente precisam estar vinculados aos aparatos e/ou princípios epistêmicos heterocentrados e, sendo assim, alicerçam sua autonomia de pensamento através das suas práticas e trajetórias, incorporando subjetividades que dignificam suas marcas da diferença (LOURO, 2018a; HALBERSTAM, 2020).

A construção de uma identidade de resistência é algo que para esses homens afeminados se deu a partir da infância com suas performances já sendo catalogadas, identificadas como criminosas, devido ao policiamento constante e principalmente as sanções por parte de todos em sua volta, refletindo assim, na maior idade, no qual tomam maior consciência de si e de suas potencialidades de enfrentamento. Suas vidas manifestam resistência, por expressarem suas vontades, desejos e individualidades, seus corpos são políticos (BUTLER, 2018b), o sentido de resistir para homens afeminados está imerso nos seus “trejeitos”, na sua fala, nas suas gesticulações de mão, no seu andar, e etc., não podemos nos limitar somente a embates mediados pela violência e/ou discursos “militantes”. Pois, os corpos ao assumirem quem são publicamente, já figuram mudanças.

REFERÊNCIA

BACK, B. **Ultraviolência queer**: antologia de ensaios. São Paulo: Crocodilo; N-1, 2020. 176 p.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 10. ed. RJ: Bertrand Brasil, 2011.

BRASIL. Perfil epidemiológico dos casos notificados de violência autoprovocada e óbitos por suicídio entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil, 2011 a 2018. **Boletim Epidemiológico**, Brasil, v. 50, n. 24, p. 01-14, ago. 2019. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/images/pdf/2019/setembro/13/BE-suic--dio-24-final.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2021.

BRETON, D. L. **A Sociologia do Corpo**. 6. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

BRETON, D. L. **Antropologia dos Sentidos**. 1. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

BUTLER, J. **Bodies that matter**. On the Discursive Limits of "Sex". New York: Routledge, [1993], 2011.

BUTLER, J. **Corpo em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018a.

BUTLER, J. **Problema de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018b.

CAETANO, M.; JUNIOR, P. M. D. S. **De guri a cabra-macho**: Masculinidade no Brasil. 1. ed. RJ: Lamparina, 2018.

DUQUE, T. **Gêneros Incríveis**: um estudo sócio-antropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher. 2. ed. Salvador: Editora Devires, 2019.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GREEN, J. N.; QUINALHA, R. **Ditadura e Homossexualidades**: Repressão, Resistência e a Busca da Verdade. 1. ed. São Paulo: Edufscar, 2014.

HALBERSTAM, J. **A arte queer do fracasso**. Trad. Bhuvli Libanio. Cepe Editora, 2020, 258 p.

LOURO, G. L. Marcas do corpo, marcas de poder. In: LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018a. p. 69-82.

LOURO, G. L. Pedagogia da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018b. P. 07-42.

LUGONES, M. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa**, Colombia, v. 2, n. 9, p. 79-101, jun./2008.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, n. 22, p. 935-952, dez. 2014.

MISKOLCI, R. **Desejos Digitais**: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MOTA, A.; MACHIN, R. **Corpo e Medicina**: um encontro de (im)possíveis? Relato de um curso de extensão. **Revista de Medicina**, [S. l.], v. 97, n. 4, p. 415-421, 2018. DOI: 10.11606/issn.1679-9836.v97i4p415-421. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/146780>. Acesso em: 1 fev. 2021.

MUSZKAT, M. **O homem subjugado**: o dilema da masculinidade no mundo contemporâneo. 1. ed. São Paulo: Summus, 2018.

NONATO, M. **Vivências Afeminadas**: pensando corpos, gêneros e sexualidades dissidentes. Salvador: Editora Devires, 2020.

OLIVEIRA, M. R. G. d. **O diabo em forma de gente**: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Salvador: Editora Devires, 2020.

PRADO, M. A. M; MACHADO, Frederico V. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

RODRIGUES, G. de O. Corpos como objeto abjeto. In: JESUS, Dánie Marcelo de et al (org.). **Corpos Transgressores: políticas de resistência**. São Paulo: Pontes Editora, 2018. p. 23-34.

SÁEZ, J.; CARRASCOSA, S. **Pelo Cu: políticas anais**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Letramento, Quixote, 2016.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 28, p. 19-54, jun. 2007.

SILVA, E. R. A. d. **Representações sociais e imagens em fotografias do corpo masculino em revistas gays**. 2007. 144 f. Tese (Doutorado em Comunicação) —Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

TCHALIAN, V. Questões de gênero: transgeneridades, masculinidades hegemônicas e controle sobre os corpos. In: JESUS, Dánie Marcelo de et al (org.). **Corpos Transgressores: políticas de resistência**. São Paulo: Pontes Editora, 2018. p. 35-48.

VIDARTE, P. **Ética bixa: Proclamação libertária para uma militância LGBTQ**. 1. ed. SP: N-1 edições, 2019.

VIGOYA, M. V. **As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na nossa américa**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.